

# TELEVISÃO E VÍDEO: MOTIVAÇÃO E DESAFIO NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Tânea Quintanilha  
Universidade Federal de Santa Catarina

Programas da televisão estrangeira constituem uma fonte acessível e rica de material que pode ser explorado em sala-de-aula. Neste artigo delineamos propostas que, sem diminuir o potencial de entretenimento da televisão, visam aproveitar partes relevantes de sua programação como "input" que promova o desenvolvimento da compreensão oral dos alunos. Critérios para a seleção de seqüências visuais são discutidos e sugestões de atividades para exploração de material televisionado são apresentadas.

## Introdução

O ensino com o uso do vídeo não é idéia nova. O que vemos em nossos dias é uma grande quantidade de materiais de vídeo sendo produzidos para uso em sala-de-aula. O próprio termo 'vídeo' é muito abrangente e pode significar coisas bem diferentes no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Basicamente, entretanto, o vídeo tem sido usado de duas maneiras: como uma alternativa para apresentação de conteúdo e como um instrumento para analisar a performance dos alunos em sala-de-aula. O nosso objetivo neste artigo é analisar o vídeo como instrumento que viabiliza a presença da televisão em sala-de-aula, através da apresentação de seqüências autênticas, previamente selecionadas e gravadas, que possibilitem a priorização dos aspectos pragmáticos da língua, sem necessariamente se ater à estrutura gramatical.

É inegável o fato de que a televisão é um meio de entretenimento que pode ter grande valor pedagógico. O fato de estar muito mais ligada à diversão do que ao estudo, faz da televisão um instrumento motivador como ferramenta de ensino. Ela é parte do dia-a-dia e um dos produtos mais disponíveis para o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

O estar diante da tela assistindo a programas, ou partes de programas autênticos, que seja capaz de decodificar é altamente significativo para o aluno. A passividade normalmente característica a muitos telespectadores não acontece nesse contexto, porque o aluno é solicitado a participar com respostas: memória, humor, identificação, curiosidade, ritmo. E essas respostas exigem esforço e concentração. Pesquisadores que têm estudado sobre aprendizagem com televisão afirmam que "uma das áreas em que os indivíduos são afetados ao assistir televisão e ativamente afeta a maneira como eles vivenciam a experiência é a quantidade de esforço mental que eles investem ao utilizar ou 'processar' aquilo que vêem e ouvem" (Salomon, G. e T. Leigh, 1984: 119).

Assistir televisão em língua estrangeira exige esforço por parte do aluno. A combinação som-imagem o estimula "a inferir por si mesmo não somente o significado literal das sentenças como nos exemplos gramaticais, mas também o valor pragmático das frases em sua interdependência funcional" (Jensen, 1983: 321).

### O conflito autêntico x simplificado

Alguns especialistas em aquisição de uma segunda língua, como Hatch (1983) e Kelch (1985), enfatizam a importância de 'input' simplificado com base na teoria de que a simplificação torna o 'input' mais compreensível aos alunos. É provavelmente com base nessa teoria que a produção de vídeos didáticos para ensino-aprendizagem de língua procura usar textos cuidadosamente escritos e representados por atores profissionais. Nesses vídeos a linguagem em si mesma é o ponto principal — o enredo, os personagens, o cenário e a música — tudo gira em torno do ensino de um vocabulário particular e de estruturas lingüísticas selecionadas.

Não podemos deixar de reconhecer o valor de vídeos didáticos que apresentam um discurso simplificado, não muito distanciado do discurso espontâneo, com a finalidade de torná-lo mais

compreensível ao aluno. No entanto, queremos ressaltar a necessidade de pesquisas que comparem diretamente os efeitos do 'input' autêntico x simplificado, especialmente no desenvolvimento da habilidade oral, já que esse tipo de pesquisa já vem sendo feita no que diz respeito à habilidade escrita. Como exemplo citamos o trabalho de Ronald Leow (1993), da Universidade de Georgetown, cujos resultados foram publicados no artigo 'To simplify or not to simplify: a look at intake'. Seu estudo mostrou que "a simplificação de material autêntico escrito no 'input' que é apresentado pode não facilitar o 'intake' de itens lingüísticos em alunos adultos de uma segunda língua"(Ibid.: 344).

Enquanto não temos dados concretos a esse respeito, seqüências gravadas da televisão parecem ser uma alternativa viável e criativa para apresentação de 'input' autêntico, já que como no próprio contexto da vida real, não se esperará do aluno uma compreensão de 100% daquilo que é ouvido na fita. Se como ouvintes em nossa própria língua operamos com interpretações parciais, razoáveis, daquilo que ouvimos, parece injustificável exigir que ouvintes não-nativos façam mais do que isso (Cf. Brown and Yule, 1983: 57).

#### Seleção de seqüências para gravação

O preparo de uma aula totalmente baseada em uma seqüência de vídeo não é geralmente uma tarefa fácil e rápida. Como normalmente usamos bons livros textos em nossas aulas, e a grande maioria deles não vêm acompanhada de material de vídeo, pode-se gravar programas de canais de televisão estrangeira que chegam até nós através da TV a cabo e da antena parabólica, que tenham temas semelhantes aos das unidades do livro-texto.

Nem todo programa é apropriado. A seleção das seqüências a serem gravadas exigirá muitas horas de assistência prévia visando encontrar as seqüências apropriadas. Uma estratégia que facilita esse trabalho é observar a programação proposta e gravar tudo o que venha de encontro aos objetivos que se tem em mente. Posteriormente, então, assiste-se a fita e seleciona-se o que deve ser gravado para uso com os alunos.

Tendo esse tipo de trabalho com vídeo em mente podemos estabelecer alguns critérios que devem orientar o trabalho do material a ser gravado. Tendo em vista a relevância do 'input' na

aquisição de uma língua estrangeira, tema esse amplamente discutido por Krashen (1982), consideramos que é importante selecionar seqüências de vídeo que:

a) Tenham um conteúdo lingüístico compreensível, interessante e relevante, mas não rigidamente controlado. A ênfase na comunicação trazida pelo método comunicativo, que resultou na mudança de foco do código para a mensagem, proporcionará maior flexibilidade no que concerne ao conteúdo lingüístico apresentado nas seqüências. "O nível de linguagem não é necessariamente um critério fundamental. É mais importante nivelar a tarefa ou atividade a ser realizada de tal maneira que o aluno possa executá-la, do que nivelar o material de vídeo em si. Em muitos casos, a imagem visual apresenta indícios para o significado muito além da linguagem em si mesma" (Stempleski e Tomalin, 1990: 9). Voller e Widdows (1993: 343) têm o mesmo ponto de vista quando afirmam que "como em qualquer texto, não é primariamente a dificuldade da linguagem que determina se os alunos podem se beneficiar dela, tanto quanto a adequação das tarefas que eles têm que realizar".

b) Apresentem um tema relativamente familiar, visto que tal familiarização contribui como um fator que facilita a compreensão do 'input' (Cf. Nunan, 1989). Krashen (1982: 66) tem o mesmo parecer quando afirma que "ao discutir tópicos que são familiares aos alunos, bons professores também aproveitam o conhecimento de mundo dos mesmos para ajudá-los na compreensão. Certamente, discutir ou ler um tópico que é totalmente desconhecido tornará a mensagem mais difícil de ser entendida." A apresentação de seqüências cujos temas sejam semelhantes aos trabalhados nas unidades do livro texto adotado é muito vantajosa, pois não somente facilita a compreensão pelo conhecimento prévio do conteúdo lexical, como também oferece possibilidades de alargamento desse conhecimento.

c) Não sejam excessivamente longas e apresentem um número limitado de 'exchanges', o que possibilitará ao aluno um caminho mais acessível à compreensão das seqüências.

d) Não contenham longos monólogos. Notícias, propagandas, programas humorísticos, documentários, entrevistas, jogos, programas esportivos, músicas, reportagens, e capítulos de novelas são tipos de seqüências que apresentam uma grande diversi-

dade de mensagens e um grande potencial para ser explorado em atividades paralelas.

### Preparo de atividades para acompanhar as seqüências

O professor deve assistir a seqüência quantas vezes for necessário para anotar pontos importantes da mesma e assim decidir no que vai focalizar em especial a atenção do aluno. Essa anotação deverá orientá-lo quanto ao tipo de atividade que ele irá desenvolver com sua classe, em conexão com a seqüência visual. Há, naturalmente, um leque muito amplo e diversificado de atividades, mas o que deve nortear as decisões do professor são seus objetivos didático-pedagógicos.

Ao se apresentar uma seqüência visual pode-se ter, dentre outros, os seguintes objetivos em mente:

- a) Prover material para a prática da compreensão oral;
- b) Prover um estímulo para a prática da conversão ou da escrita;
- c) Prover um contexto para apresentação de elementos culturais;
- d) Apresentar novos itens lingüísticos, tais como vocabulário, funções, estruturas gramaticais;
- e) Prover material para a prática de linguagem já conhecida;
- f) Estimular o interesse e a motivação do aluno, mudando o curso normal de ação em sala-de-aula.

Após a definição dos objetivos que deseja alcançar, o professor passa a planejar tarefas ou atividades para acompanhar as seqüências gravadas. A partir do ponto, ou dos pontos sobre os quais ele decidiu focalizar a atenção do aluno, o professor deve preparar atividades específicas que levem o aluno a perceber e decodificar esses pontos em meio a todo o conteúdo da seqüência. As que apresentamos na próxima seção exemplificam alguns tipos de tarefa com essa finalidade.

Quando houver necessidade, tarefas para serem realizadas antes de se assistir a fita podem ser apresentadas ao aluno. Elas podem ter o objetivo de contextualizar o que vai ser assistido, ou de ensinar algum vocabulário ou estrutura desconhecidos e necessários para a compreensão da fita. Segundo Stempleski e Tomalin (Ibid.: 10), idealmente não deveria haver nenhum ensino prévio de formas lingüísticas, ou de vocabulário. O aluno deveria ser

capaz de solicitar ajuda quanto a linguagem usada, e isso faria parte da atividade comunicativa.

Tarefas para serem realizadas durante a apresentação da seqüência só podem ser executadas normalmente se elas exigirem muito pouco tempo por parte do aluno para a execução das mesmas. Atividades do tipo 'marque x', escreva **V** para 'verdadeiro' e **F** para 'falso', e 'complete lacunas', podem ser usadas nesse contexto.

As respostas às atividades devem fazer parte da discussão de 'follow-up', após o término da apresentação das seqüências. Outras novas atividades de 'follow-up' também podem ser preparadas para esse momento da aula. Os alunos podem comentar sobre o que viram e ouviram. Nesse ponto pode-se trabalhar também os significados da comunicação não-verbal, observando-se a entoação, olhares, gestos, movimentos das mãos e do corpo, vestimentas, postura e cenário.

### Tipos de Atividades

1. Para uma seqüência que apresente 3 a 4 personagens com tipos de personalidade diferentes.

a) Leia os adjetivos abaixo:

simpático	desajeitado	ciumento	educado
inveioso	divertido	gentil	depressivo
convencido	nervoso	meigo	humilde
ingênuo	teimoso	sofisticado	tranqüilo

b) Assista a seqüência e procure descrever cada um dos personagens com pelo menos 2 dos adjetivos acima.

2. Para um noticiário:

a) Leia os títulos abaixo
Notícia estrangeira
Notícia nacional
Notícia estadual
Acidente
Desastre
Violência
Pessoas famosas
Arte e lazer
Esporte
b) Assista o noticiário e complete o quadro acima com o título mais apropriado a cada notícia.

3. Para uma entrevista:

a) Se você fosse entrevistar Tom Cruise, que perguntas você faria? Escreva-as abaixo.
1-
2-
3-
b) Assista a entrevista com Tom Cruise e confirme se o entrevistador fez perguntas iguais ou semelhantes as suas.
c) Discuta com seus colegas o que você ficou sabendo sobre o ator.

## 4. Para documentários sobre países e cidades.

Assista o documentário e anote abaixo 3 aspectos (geografia, clima, povo, lazer, costumes, etc.) diferentes dos que temos em nosso país/nossa cidade.	
Brasil/cidade brasileira	País/cidade do documentário

## 5. Para um vídeo de música.

a) Assista o vídeo clip e complete.				
Título:				
Compositor(es):				
Cantor(es)				
b) Julgue o vídeo clip segundo os itens abaixo. Dê notas de 1 a 10.				
Letra	melodia	Harmonia Sonora	Apresenta- ção Visual	Outro Critério

## 6. Para duas seqüências com muita ação. Os alunos devem ser divididos em 2 grupos. O grupo A fica numa posição em que possa ver a tela e o grupo B onde só possa escutar o som.

Para alunos do grupo B.

<p>Você não poderá ver a tela. Focalize sua atenção no som da fita. Ao término dela descreva ao seu colega que viu a seqüência, o que você acha que aconteceu. Ele confirmará, ou não, com esclarecimentos, a sua suposição.</p>
--

O processo é revertido a seguir, com os alunos do grupo B vendo a tela.

A decisão de quantas vezes passar cada seqüência dependerá dos objetivos que o professor tem em mente e do nível de competência lingüística de seus alunos. O professor pode também usar os recursos de congelar a imagem, fazer pausa, repetir trechos específicos à medida que julgar necessário.

As atividades sugeridas acima foram escolhidas principalmente em função de sua simplicidade de apresentação e facilidade de preparo. Há muitos outros tipos de atividades mais complexas e criativas que focalizam não só o processo pelo qual o aluno passa ao analisar seqüências de vídeo pré-gravadas como também a linguagem que ele necessita para levar a efeito esse processo. O livro Vídeo (Cooper R. et al. 1991) sugere várias atividades dentro dessa perspectiva.<sup>1</sup>

## Conclusão

A exploração do vídeo como procuramos mostrar acima pode ser uma atividade enriquecedora e produtiva em nosso trabalho junto aos alunos.

Entendemos que o preparo desse material exige mais tempo ainda de um professor sobrecarregado, mas acreditamos que o vídeo com suas imagens, mensagens e curiosidades estimula um alto nível de motivação, o que pode levar a uma experiência de aprendizagem gratificante.<sup>2</sup>

## Notas

- 1 As atividades apresentadas nesta seção foram traduzidas e adaptadas do livro *Video in Action* (Stempleski, S. e B. Tomalin, 1990).
- 2 As citações deste artigo foram traduzidas pela autora.

## Referências Bibliográficas

- BROWN, G. and G. Yule. 1983. *Teaching the Spoken Language*. Cambridge. CUP.
- COOPER, R. et al. 1991. *Video*. OUP.

- HATCH, E. (1983). Simplified input and second language acquisition. In Anderson (Ed.), *Pidginization and creolization as language acquisition* (pp. 64-86). Rowley, M.A.: Newbury House.
- JENSEN, E. Dam and T. VINTHER, 1983. 'The authentic versus easy conflict in Foreign language material — a report on experiences with production and exploitation of video in FLT'. *System*, vol. 11, n<sup>o</sup> 2, 129-141.
- KELCH, K. (1985). Modified talk in the classroom. *International Review of Applied Linguistics*, 17, 159-165.
- KRASHEN, S.D. 1982. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. New York: Pergamon Press.
- LEOW, R.P. 1993. 'To simplify or not to simplify — a look at intake'. *SSLA*, 15, 333-335.
- NUNAN, D. 1989. *Designing Tasks for the Communicative Classroom*. CUP.
- SALOMON, G. and LEIGH. 1984. 'Media effects on the young — predispositions about learning from print and television'. *Journal of Communication*. Spring, 119-135.
- STEMPLESKI, S. and B. Tomalin. 1990. *Video in Action*. Prentice Hall.
- VOLLER, P. and S. Widdows, 1993. 'Feature films as text: a framework for classroom use'. *ELT Journal*, vol. 47, n<sup>o</sup> 4, 342-353.